

Latinos, antes de mais nada

Expedicto Quintas

20 JUN 1992

Dahdo vazão às heranças de sua latinidade, o brasileiro segue hipnotizado pela emoção na esteira de um processo de paixões e antagonismos, sem medir ou avaliar os valores em jogo. O estoque de polêmicas, de intrigas e de doestos não se esgota, renovando-se, de imediato, tão pronto se exaurem as fontes de excitação dos episódios ou situações em que os nervos agem e reagem em constante mobilização dos sentidos. O coração, muito mais do que a inteligência, domina os acontecimentos. E no calor dos debates e das trocas de acusações, a Nação vai tendo encruados os seus problemas de base, sem cuidar com as urgências devidas das soluções reclamadas para encaminhá-los satisfatoriamente.

Uma avaliação retrospectiva do que vem ocorrendo no Brasil, nos últimos cinco anos, coloca em evidência uma espantosa coleção de condicionamentos emocionais, atuando fortemente sobre a opinião pública, quase todos eles sustentados por um catastrofismo crônico nas causas e efeitos dos respectivos determinismos.

A incrível sequência de planos econômicos nos quais a nossa moeda foi vilipendiada corte a frio de seis zeros, jogada para o opróbio a sua essência fiduciária, nas tentativas desesperadas de fuga da demência inflacionária. Funaro, Bresser, Brasil Novo, Collor I, Collor II são marcas registradas de governos frustrantes e incapazes, renovando tentativas de salvação nacional, numa sequência de crises, sem contudo reverter a tendência para o caos que o País assumiu no final da década de 80 e agora confirmada neste decênio que nos levará ao ano 2000.

A estrutura política brasileira vem costurando uma colcha de retalhos, unindo num alinhavado de incongruências, o tecido que vai retratar o painel da tragédia nacional deste final de século. Escândalos públicos de um perfil ominoso dão as tintas predominan-

tes do peculato primário, da improbidade ostensiva, da negação reiterada da palavra empenhada em compromissos solenes, assumidos em postura retumbante perante o povo.

Presentemente as classes assalariadas, a comunidade empresarial, as cidades e os campos estão sendo submetidos ao bombardeio de um fogo cruzado, onde obuses dos mais variados calibres explodem em todas as frentes do cotidiano da cidadania, com impactos psicológicos desestruturadores da ordem social, política e econômica.

O paiol de munição da recessão econômica muncia uma artilharia precisa e infalível no desmonte do poder aquisitivo das classes trabalhadoras e do retorno dos setores produtivos à normalidade, alimentando um processo de degeneração já alcançando níveis insuportáveis. Na política troam os canhões da retaliação, seguindo uma estratégia de "quanto pior, melhor". O presidente Collor, agora eleito o alvo favorito, purga no cerco que lhe estão movendo os pecados de uma gestão baseada na bravata pessoal e no improviso de ações de uma gestão marcada pela retórica vazia, segundo o **marketing** obsessivo que deu uma destinação medíocre às prioridades oficiais até aqui fixadas, fazendo desabar a confiança popular que se deixou empolgar nas últimas eleições presidenciais, distinguindo-o com mais de 35 milhões de sufrágios.

A CPI criada para apurar as denúncias de seu irmão Pedro Collor está ajustando a sua alça de mira num alvo cada vez mais desguarnecido e de fácil enquadramento: O Palácio do Planalto. As variáveis algébricas da equação balística para a bordada decisiva já em final de ordenação no polinômio de sua formulação, aguardam tão-só a ordem de "fogo". E mais latinamente ainda vai dar início ao tiroteio do impedimento presidencial que todos sabem como começa, mas ninguém pode prever como há de acabar.